

Brasília ganhou as ruas e saiu dos Eixos

LUIZ FELIPE PANERAI
Coordenador de Reportagem

“Vamos tomar uma cervejinha no Setor Bancário?” Há alguns anos o convite estranharia. Mas às vésperas de completar o trigésimo aniversário, no próximo dia 21 de abril, Brasília ganha as ruas e sai dos eixos. “A cidade cresceu”, constatou, na semana passada, o arquiteto Lúcio Costa, criador da capital, ao detalhar com um grupo de arquitetos brasileiros, no Rio de Janeiro, as novas ocupações previstas pelo documento “Brasília Revisitada”.

Muita coisa mudou: a setorização forçada — bancos no Setor Bancário, hospitais no Hospitalar etc., a destinação das comerciais, que abandonaram o ecletismo e a simplicidade e criaram especializações, e o mito da expansão do Plano Piloto são imagens de uma infância perdida da capital, que incorpora um desafio a partir de agora: crescer sem descaracterizar conquistas do projeto original.

GUETO

Brasília não é mais um gueto, afirma a arquiteta Ivelise Longhi, diretora do Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DAU), que estuda todas as modificações somadas ao projeto original da capital. Ela lembra, porém, que a cidade tem características próprias e nota que a vocação da capital é administrativa. “Só podemos pensar em industrialização ligada a esta vocação”, observa.

Ivelise nota que o projeto original da cidade não é “acabado”. “O próprio Lúcio Costa concorda com isso”, lembra a diretora do DAU, que defende adequações sem descaracterizar as escalas traçadas pelo criador de Brasília: o desenho das quadras e as amplas áreas verdes, por exemplo.

A arquiteta lembra que o crescimento da capital exigiu modificações importantes, como a humanização dos setores comercial e bancário, que romperam a especialização forçada e hoje convivem com vida noturna e lazer após o dia de trabalho. Ivelise destaca ainda as alterações vivenciadas pelas comerciais. No lugar do ecletismo, uma exigência do projeto de Lúcio Costa, ganharam especializações — a 109, com elétricas, a 304/5 com butiques — e inverteram acessos. No papel, eram voltadas para dentro das quadras.

Segundo Ivelise, o projeto de urbanização do Setor Sudoeste admite erros do passado e pretende resolvê-los. As comerciais — exemplifica — vão ganhar áreas com mais vagas de estacionamento para prevenção de um fenômeno com o qual o brasileiro — este homem que anda pouco — já se acostumou: disputar uma vaga para estacionar seu carro.

Todos concordam: a defesa do padrão de vida da capital é obrigatória. “Vamos ter de organizar segmentos da sociedade para resistir a descaracterizações”, convida o presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (DF), José Roberto Bassul. Ele imagina que a autonomia política e os interesses imobiliários podem comprometer a qualidade de vida da cidade. “A autonomia tem ônus e bônus”, sentencia.

Bassul defende uma “otimização” da cidade real. Algumas quadras-poderiam ter mais densidade populacional, explica o arquiteto, que critica o “engessamento” que capturou Brasília nas duas primeiras décadas de existência. “Foi um exagero”, nota Bassul, que não abre mão, porém, da preservação do que considera um “patrimônio mundial”.

“A realidade, no entanto, é mais forte que a utopia”, ensina o presidente do Instituto dos Arquitetos, abrindo baterias contra o projeto de expansão da capital: “é uma proposta à distância”, critica. “O Brasília Revisitada repete velhos erros, como o socialismo romântico do Plano Piloto, que queria ver morando num mesmo prédio o motorista e o ministro”, observa.

O arquiteto vê riscos na futura ocupação da cidade, prevista por Lúcio Costa. “É a primeira vez na história que uma cidade terá expansão urbana por mancha de lápis”, lembra Bassul, que classifica o documento “Brasília Revisitada”, como uma “carta de intenções”. “O documento foi aprovado por interesses políticos”, diz.

ASSENTAMENTOS

Os assentamentos populares também dividem. O arquiteto Lúcio Costa reconhece méritos. Afinal, o sonho do criador de Brasília foi de dar espaço a todos. Até aqui, segundo dados do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, o governo fixou uma população de cem mil pessoas nas novas áreas habitacionais da cidade, incluindo o recém criado setor Sudoeste.

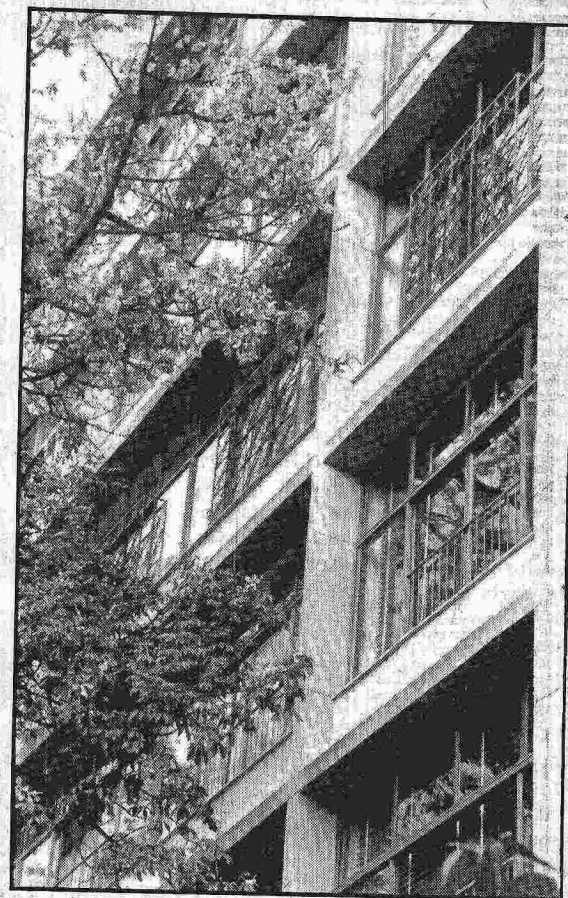
A equipe técnica do governo já reservou também uma nova área de ocupação popular, dirigida à distribuição de lotes — Santa Maria, que permanece ligada administrativamente ao Gama, mas deverá se transformar numa nova satélite. Três mil pessoas foram assentadas na área. A diretora do DAU acha, porém, que novos adensamentos requerem estudos detalhados para garantir padrões mínimos de qualidade de vida e evitar a explosão populacional.

O presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil discorda. Ele critica a “proposta eleitoreira”, que acredita alimentar os assentamentos. Bassul cobra estudos técnicos.

FOTOS: IVALDO CAVALCANTE



Quadras com comércio especializado, como a 109/110 Sul, modificam espírito inicial da cidade



Grades nas janelas da 305 Sul: crianças vencem plano